

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

不忘初心

牢记使命

O terceiro Navio-Aeródromo da China e suas implicações tecnológicas e estratégicas

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 165 • 06 de julho de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio chinês Tipo 003](#)

Por: Kyodo

Fonte: Nikkei Asia

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



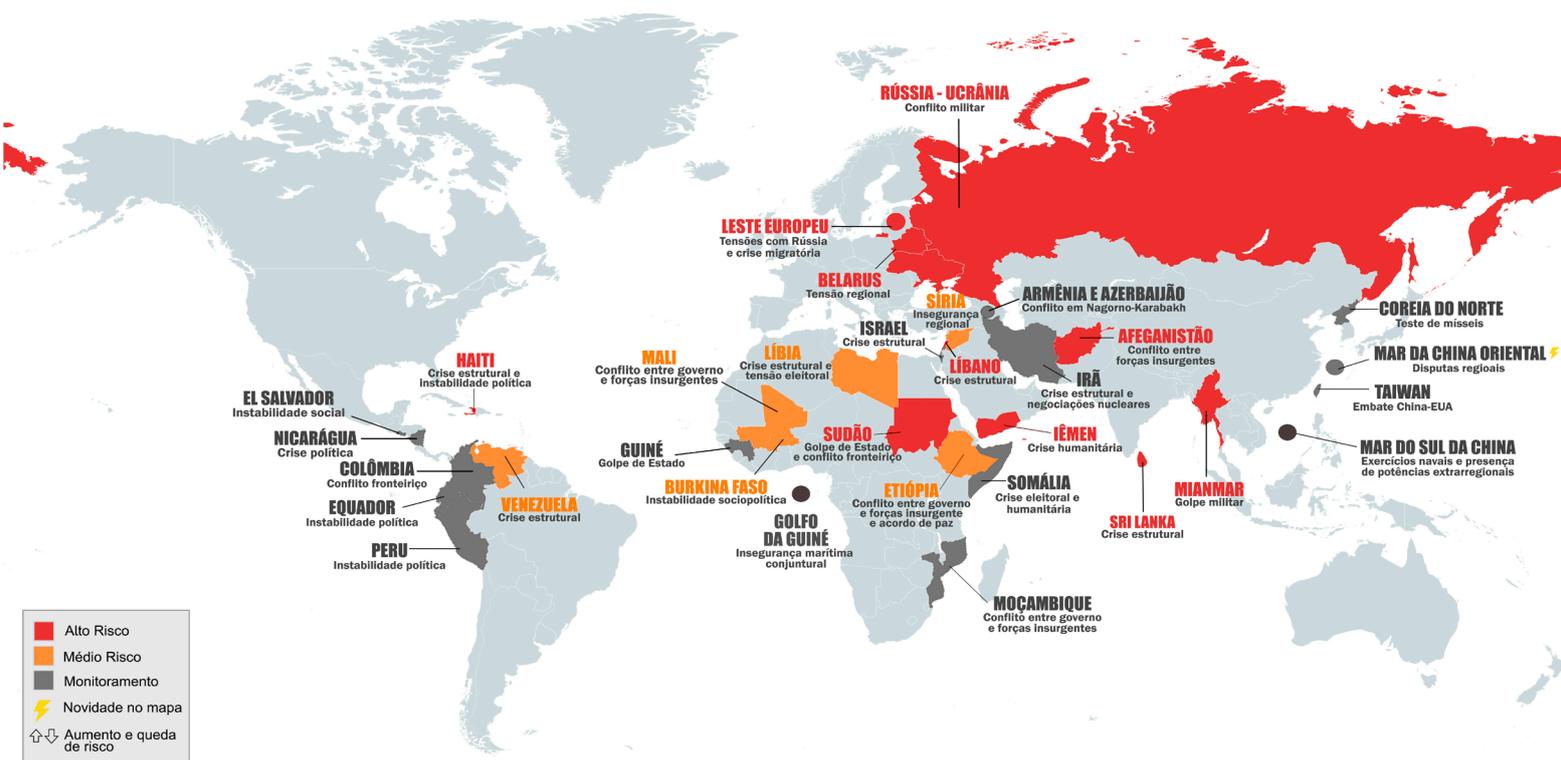
ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Cenário energético chileno: desafios e alternativas para a superação da crise hídrica.....	5	Japão e Seus Gastos de Defesa: possíveis obstáculos.....	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		O terceiro Navio-Aeródromo da China e suas implicações tecnológicas e estratégicas	14
Capacidade naval estadunidense frente à guerra moderna.....	6	SUL DA ÁSIA	
Desarmonia doméstico-internacional no setor energético estadunidense.....	6	A relação entre Índia e Rússia e seus atuais desdobramentos.....	15
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Resolução da ONU exorta o combate aos ilícitos no Golfo da Guiné.....	7	O AUKUS e os desafios à soberania australiana.....	16
A segurança no Golfo da Guiné e as oportunidades do setor portuário nigeriano.....	8	TEMAS ESPECIAIS	
EUROPA		Os desafios da poluição plástica global	17
União Europeia e Ucrânia: novo candidato à adesão no bloco ocidental	9	ARTIGOS SELECIONADOS & NOTÍCIAS DE DEFESA.....	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA	 18	
Rota marítima de Tráfico Humano gera mais Instabilidade no Iêmen.....	10	CALENDÁRIO GEOCORRENTE.....	
RÚSSIA & Ex-URSS	 18	
Tadjiquistão e Afeganistão: elementos transnacionais de uma crise regional.....	11	REFERÊNCIAS.....	
Novos desafios ao flanco ocidental russo a partir de Kaliningrado	12 19	
		MAPA DE RISCOS.....	
	 20	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

Cenário energético chileno: desafios e alternativas para a superação da crise hídrica

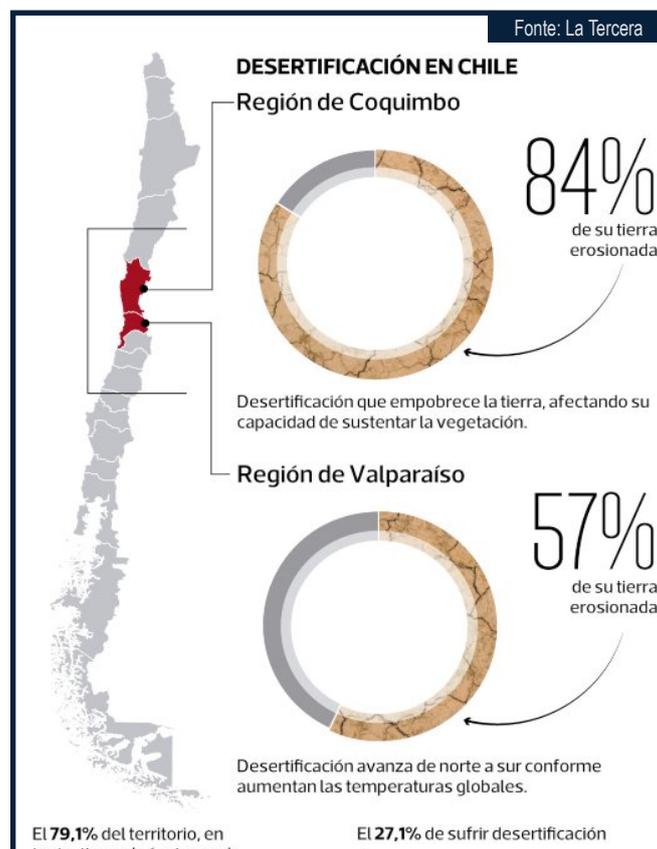
Pedro Kilson

A atual década apresenta um cenário desafiador para a estabilidade da economia chilena, uma vez que o país se consolida como o mais impactado pela seca estrutural da região. O Estado é afetado sobretudo por uma crescente desertificação, que parte da região do Atacama e se expande para o sul. Entretanto, em paralelo a esse quadro, o Chile concentra potencial para o desenvolvimento de novas fontes de energia limpa e renovável, bem como para se posicionar como uma economia central para a transição energética em esfera global (Boletim 148). Ademais, o conflito no Leste Europeu é um fator de instabilidade político-econômica, que incide negativamente na capacidade de resposta dos países do Cone Sul frente à crise ambiental. Nesse sentido, qual a dimensão da atual crise hídrica e quais alternativas se apresentam para a administração Gabriel Boric?

No âmbito doméstico, o cenário hidroenergético é instável. O país enfrenta o que se entende por seca estrutural, caracterizada por uma carência permanente de água em razão da combinação entre aridez e atividade humana, ocasionando um processo de desertificação a partir do norte. Segundo análises promovidas pela ONG *World Resources Institute* em 2019, e pelo mais recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), o Chile se encontra

na categoria “estresse hídrico alto”, representando a situação mais crítica entre os países das Américas, seguido pelo México. São treze anos de crise hídrica que impõem a necessidade de se repensar não somente a administração da água, mas especialmente o cenário energético do país. Ademais, destacam-se debilidades de infraestrutura na transmissão de energia, além dos desdobramentos geopolíticos e econômicos decorrentes do conflito na Ucrânia. Entre esses últimos, menciona-se a escassez de hidrocarbonetos, refletida num aumento significativo dos preços internacionais do carvão e do gás natural liquefeito.

Ante a possibilidade de o conflito entre Rússia e Ucrânia se estender no longo prazo, o fornecimento de petróleo e gás será escasso e debilitado, impactando o desempenho das economias da América do Sul. Portanto, a administração Boric se encontra diante do desafio de garantir o fornecimento doméstico e comercial de gás natural e diesel, sob uma iminente possibilidade de racionamento. Para isso, o governo apresentou o chamado *Plan Sequía*, cujas iniciativas contemplam um processo de dessalinização para produção de água potável, bem como o aprimoramento das técnicas de irrigação visando eficiência. Ademais, alianças estratégicas em âmbito regional podem viabilizar uma cooperação no setor energético entre os países vizinhos.



Capacidade naval estadunidense frente à guerra moderna

Ana Carolina Vaz Farias

De acordo com o *Defense Budget Overview* do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a ascensão da China como potência militar representa a ameaça iminente mais séria para os EUA. Embora a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, sigla em inglês) da China possua aproximadamente metade da tonelagem da Marinha dos EUA, ela dispõe de 355 navios, constituindo a maior Marinha do mundo. Portanto, questiona-se: qual é o atual posicionamento estadunidense frente a tal realidade competitiva?

Em maio de 2022, foi divulgada a solicitação de orçamento da Marinha estadunidense para o ano fiscal de 2023, no valor de US\$ 230,8 bilhões. A cifra representa um aumento de US\$ 9,1 bilhões em relação ao ano fiscal de 2022. Ademais, o setor que apresentou o maior aumento percentual foi o de pesquisa e desenvolvimento. Simultaneamente, o documento revela a compra de nove embarcações e o plano de descomissionamento de 24 navios, alguns dos quais foram comissionados em 2019. Tal situação evidencia duas questões fundamentais: i) a preocupação da Marinha estadunidense (*U.S. Navy*, em inglês) com o desenvolvimento tecnológico e a busca pelo estado da arte e; ii) a futura contração dos atuais 298 navios de combate, para um total de 280, até 2027.

Ademais, recentemente, o Comandante da Marinha estadunidense, Alte. Michael Gilday, afirmou que a *U.S. Navy* não está dimensionada para lidar com dois conflitos simultâneos de larga escala e que para ser capaz de enfrentar adversários como a China — que potencialmente alcançará 460 navios até 2030 —, precisará de cerca de 350 navios e 150 não tripulados. Apesar dos planos de reestruturação da Marinha estadunidense, a decisão final cabe ao Congresso, onde os legisladores se preocupam com o tamanho crescente da Marinha chinesa. Ainda, pelo fato de que a tal defasagem tecnológica pode afetar o *soft power* estadunidense, gera-se a impressão de que alguns dos mais novos navios da *U.S. Navy* não são adequados para a guerra moderna.

Em suma, é possível compreender que os EUA buscam priorizar a qualidade de suas capacidades, frente à quantidade dos meios. Contudo, é evidente que países como a China estão se preparando para fazer frente a tais competências, a ponto da questão fomentar inquietações do Congresso estadunidense em relação ao tamanho da Marinha chinesa. Portanto, cabe ao atual governo de Joe Biden manter os investimentos em Defesa que sejam capazes de sustentar a primazia de poder da Marinha estadunidense.

DOI 10.21544/2446-7014.n165.p06.

Desarmonia doméstico-internacional no setor energético estadunidense

Victor Gaspar Filho

O ano de 2021 registrou as maiores taxas de crescimento de capacidade renovável instalada nos Estados Unidos (EUA), com concentração em painéis fotovoltaicos e turbinas eólicas. Tendo em vista desafios impostos pela pandemia e pelo conflito na Ucrânia, o Presidente Joe Biden utilizou o *Defense Production Act* (DPA), almejando triplicar a capacidade solar em 2024, alcançando 22,5 gigawatts. Há incentivos para a produção e aquisição de componentes de painéis solares, isolamento térmico para edifícios, bombas de calor, eletrolisadores, células de combustível, metais do grupo platina e transformadores. A utilização do DPA para o setor solar (e, por derivação, renovável) é inédita. Como isso se insere nos objetivos de descarbonização estadunidenses?

O governo federal encontra obstáculos para a aprovação de seu plano de infraestrutura *Build Back Better* no Congresso, com dotação de US\$ 555 bilhões, prevendo grandes alocações orçamentárias para energias renováveis. Desta forma, a utilização de um instrumento executivo que não necessita de aprovação legislativa se

apresenta como uma maneira de contornar a morosidade congressual e colocar em prática determinadas metas para energias renováveis.

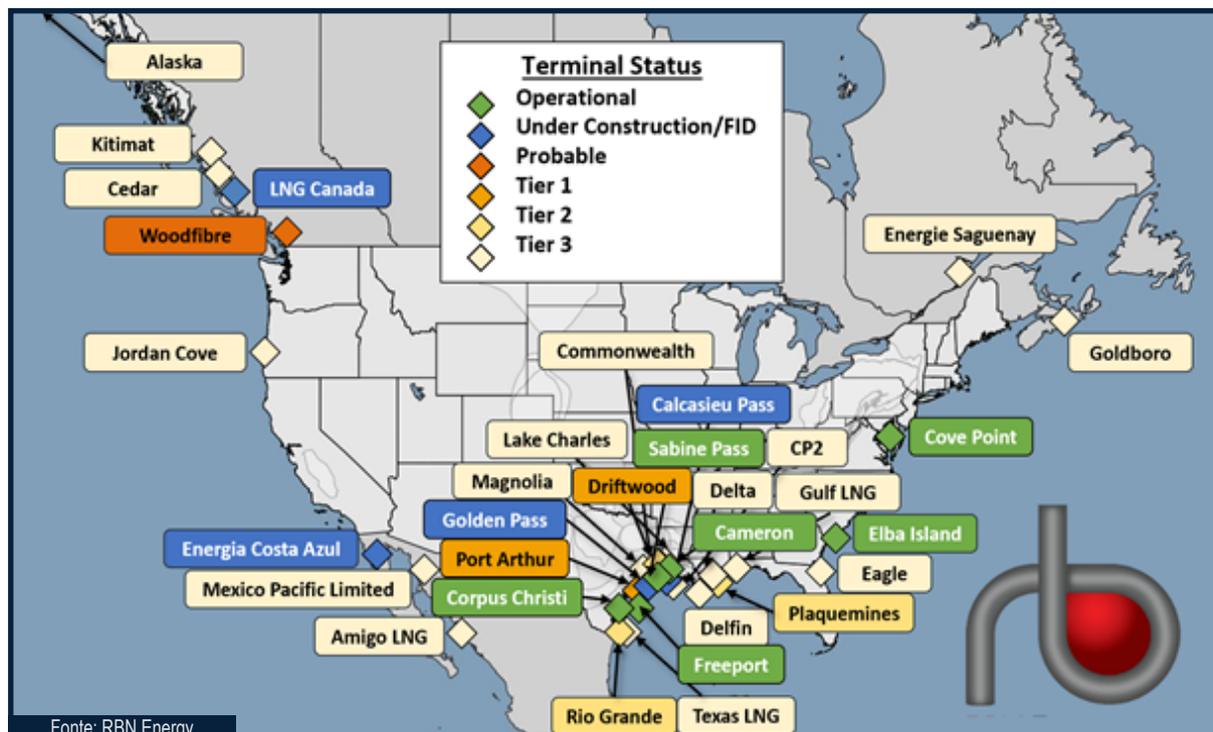
Entretanto, os EUA seguem sendo um país exportador de combustíveis fósseis com uma produção crescente. Atualmente, há 25 novos terminais de gás natural liquefeito (GNL) propostos ou em construção que têm o potencial de emitir, anualmente, 90 milhões de toneladas de gases de efeito estufa (GEE). Algo equivalente a 20 novas plantas a carvão mineral se consideradas somente as emissões dos terminais, que se somam às da exploração e do transporte marítimo subsequente, por exemplo.

Desde o início do conflito na Ucrânia, pelo menos dezenove novos acordos de comércio de GNL foram assinados entre os EUA e atores europeus, que atualmente restringem importações por gasodutos alimentados pela produção russa ([Boletim 163](#)). De janeiro a abril de 2022, os EUA exportaram 74% de seu GNL para a Europa, em significativo aumento da porção de 34% em 2021. Com investimentos em infraestrutura, os EUA deverão ter a maior capacidade exportadora internacional de GNL até »

o final de 2022.

Em que pese o esforço federal para o crescimento do setor renovável doméstico, a produção de gás para exportação é um dos fatores que continuará a contribuir para o agravamento das emissões de GEE estadunidenses. Dessa maneira, somente iniciativas internas de

conscientização e ações internacionais conjuntas visando a transição energética se apresentam como promissoras para a descarbonização estadunidense e global, evitando que o setor energético doméstico seja de baixo carbono e aquele voltado para exportação seja poluente.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p06-07.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Resolução da ONU exorta o combate aos ilícitos no Golfo da Guiné

Vanessa Bandeira

Mesmo com a atenção internacional voltada às tensões e impasses do conflito entre Rússia e Ucrânia, o Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade, em 31 de maio de 2022, a Resolução 2634, que versa sobre a segurança marítima no Golfo da Guiné (GoG, sigla em inglês). A última resolução sobre o tema havia sido adotada há dez anos, em 2012. Entretanto, a pirataria e o roubo armado continuam representando um desafio à estabilidade da região. Assim, qual a proposta dessa nova resolução?

Além de condenar veementemente o aumento de incidentes, a Resolução retoma o foco para a segurança marítima no GoG, enfatizando a necessidade de ampliar a mobilização e cooperação não só de países e órgãos regionais, mas de toda a comunidade internacional por meio de apoio jurídico e operacional, quando solicitados. Os países regionais foram convocados a adotar medidas que criminalizem a pirataria e o roubo armado no mar em suas legislações domésticas, a fim de facilitar a responsabilização pelos crimes. A Resolução foi copatrocinada por Gana e Noruega, justificando-se que a

pirataria representa riscos internacionais. Ressalta-se que Gana é um dos principais afetados por essas ameaças, que prejudicam seu desenvolvimento socioeconômico, segurança e soberania nacionais. Já a Noruega, além de possuir investimentos no GoG, se autodescreve como uma nação marítima e possuidora de fortes vínculos com o comércio no mar.

O GoG possui, aproximadamente, 5.700 km de extensão costeira, compreendendo geopoliticamente desde o Senegal até Angola, rica em reservas biológicas, energéticas e minerais. Entretanto, a pirataria e o roubo armado são endêmicos, ameaçando os mais de 1.000 navios que cruzam a região diariamente. Segundo o Comando de Operações Marítimas e Proteção da Amazônia Azul, 32% dos ataques globais entre 2013 e 2021 foram no GoG. Ademais, 97% dos sequestros marítimos em 2020 também ocorreram no local. O custo anual desses ataques pode chegar a US\$ 1,925 bilhão para os países lindeiros, prejuízo esse que pode ser muito maior se considerados os danos ao tráfego marítimo internacional e a perda >>>

de investimentos devido à insegurança marítima. Uma das principais preocupações é de que os lucros obtidos com tais atividades sejam utilizados no financiamento do terrorismo na África Subsaariana. Além disso, o agravamento da pobreza dos Estados costeiros poderia gerar o aumento de fluxos migratórios.

A resolução, portanto, insta os Estados liminhos

para mobilização em torno da segurança marítima da região, estimulando o desenvolvimento de planos de ação e a criminalização da pirataria em suas legislações domésticas, com possibilidade de cooperação da comunidade internacional. GoG é uma área de interesse do Brasil.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p07-08.

A segurança no Golfo da Guiné e as oportunidades do setor portuário nigeriano

Isadora Jacques

A Nigéria possui o maior contingente de militares, o maior orçamento de Defesa do Golfo da Guiné (GoG, na sigla em inglês) e é a maior exportadora de petróleo e gás da África Subsaariana ([Boletim Especial GoG](#)). Mesmo diante dessa relevância, nos últimos anos, os vizinhos Benin, Camarões, Gana e Togo têm desenvolvido portos mais modernos e estruturados para acomodar maiores volumes de cargas e embarcações. Por não ter sido capaz de igualar os esforços, a Nigéria perdeu seu status como *hub* de transporte marítimo da região. Assim, questiona-se de que forma o país pode recuperar essa posição de destaque no GoG.

O *Porto Lekki*, o primeiro porto de águas profundas nigeriano, localizado em uma península a leste de Lagos, promete impulsionar o comércio marítimo do país no segundo semestre de 2022, no início das operações. Projeta-se que o empreendimento com robusta capacidade tecnológica irá criar aproximadamente 170 mil empregos, com impacto estimado em US\$ 361 bilhões em 45 anos, superando em 200 vezes os investimentos. Projeções apontam que as obras podem gerar impactos socioeconômicos positivos no longo

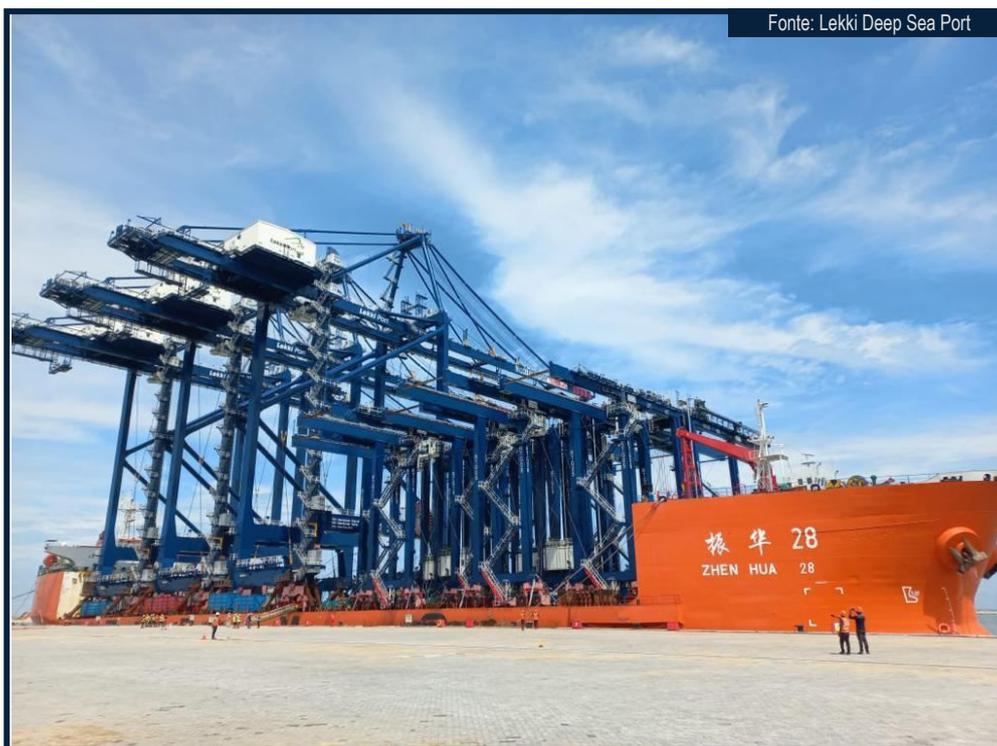
prazo, pela possibilidade de concentração do escoamento do comércio regional no porto. Em 1º de julho de 2022, as operações do porto tiveram início a partir da atracação do primeiro navio, o cargueiro chinês *ZHEN HUA 28*.

O custo do transporte de cargas está atrelado à conjuntura de segurança marítima do GoG. A região é responsável por cerca de 25% do tráfego marítimo da África e é considerada uma das mais perigosas do globo em função dos ataques de pirataria e roubo armado, motivados pelo transporte de hidrocarbonetos. Tais incidentes se correlacionam ao aumento de preços do frete marítimo na localidade. Nos últimos anos, ficou evidente que a ajuda internacional, a cooperação regional e os esforços locais destinados à segurança marítima surtiram efeitos positivos, visto que os casos de pirataria vêm sendo reduzidos. Entretanto, a insegurança na região ainda é uma realidade a ser superada. A Nigéria foi líder da maioria desses esforços ([Boletins 144](#), [146](#), [150](#) e [156](#)), entretanto, apesar das preocupações com a segurança da região, seu protagonismo no setor marítimo não deve se restringir às questões de securitização.

Assim, espera-se que se somados o dinamismo do >>>

complexo portuário nigeriano, a redução de custos e tempo no transporte de cargas e a segurança marítima do GoG, o país agregue vantagens competitivas e estratégicas, podendo superar seus vizinhos na logística

marítima. Com a consolidação da infraestrutura de *Lekki* e investimentos em tecnologia no setor portuário, o país poderia retomar seu status de *hub* regional do comércio marítimo.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p08-09.

EUROPA

União Europeia e Ucrânia: novo candidato à adesão no bloco ocidental

Rafaela Caporazzo

Em meio à instabilidade do cenário geopolítico europeu após o início do conflito russo-ucraniano, os Estados-membros da União Europeia (UE) prestaram apoio econômico e militar à Ucrânia. No último mês, os líderes dos 27 países da UE concederam a Kiev, por unanimidade, o estatuto de país candidato à União. A partir disso, considerando o atual contexto, quais fatores explicam essa tomada de decisão?

Ao ampliar a possibilidade de novos Estados-membros, a UE garante um maior processo de integração europeu e o expansionismo do bloco, contendo o avanço geopolítico russo no continente e potencializando sua política externa de Segurança e Defesa alinhada a seus objetivos ideológicos. Essa é uma perspectiva reforçada pela porta-voz do Ministério das Relações Exteriores russo, que afirmou que tal iniciativa se trata de uma “manobra ocidental de ‘contenção’ geopolítica”. Porém, o presidente russo Vladimir Putin indicou não ter objeções à possível integração da Ucrânia, já que o bloco não é uma aliança militar.

Apesar do caráter de urgência e da rápida consideração pelos dirigentes da UE devido ao conflito, é importante lembrar que o status de candidato não

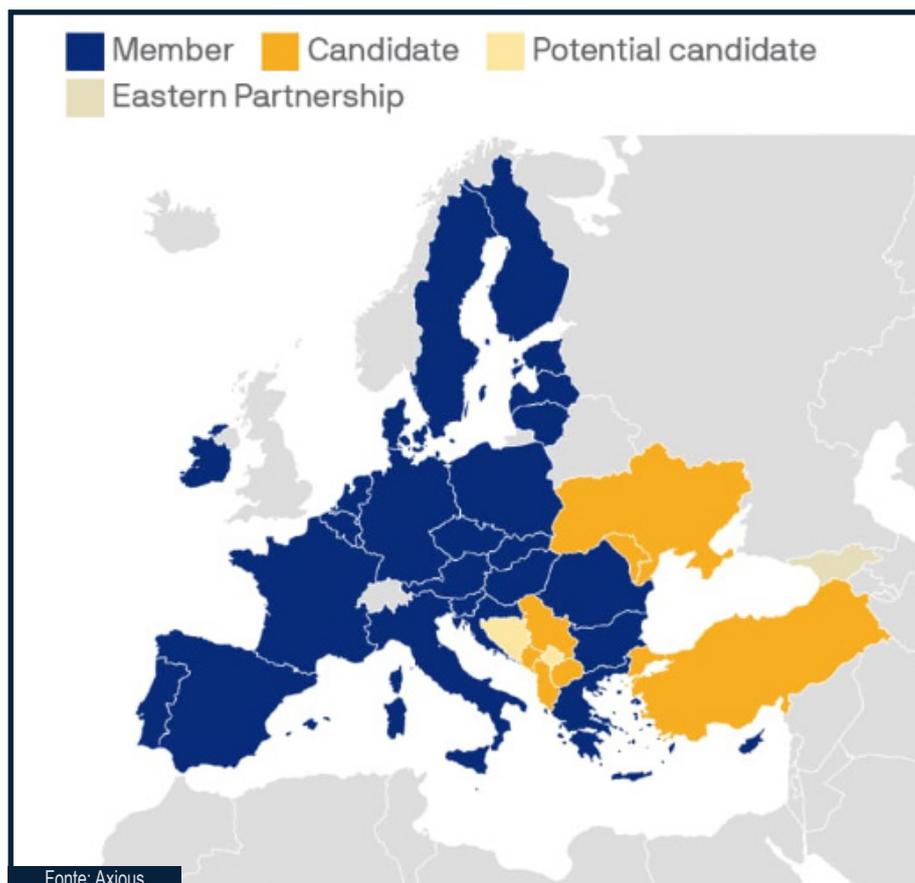
confere o direito automático de aderir ao bloco, sendo necessário que os países implementem uma série de reformas institucionais. Tendo em vista as complicações político-econômicas enfrentadas pela Ucrânia, tais como corrupção e problemas de ordem democrática. Vale salientar que essas divergências comparadas ao quadro institucional e à *high politics* da UE reforçam impedimentos à integração e, conseqüentemente, de adesão à comunidade. Além disso, por representar o maior mercado único do mundo, a UE possui um corpo legislativo robusto, o qual pode dificultar a aprovação e trazer complexas negociações diante das deficiências normativas de Kiev.

Assim, observa-se que a aceitação da candidatura de ex-repúblicas soviéticas no bloco ocidental acaba por representar mais uma movimentação da UE com o objetivo de dissuadir Moscou e suas influências na Europa. Exemplo disso é que, além da aprovação da candidatura de Kiev, a Moldávia também foi autorizada a submeter o processo de adesão à UE, reforçando, assim, a união dos países europeus.

Portanto, uma possível entrada da Ucrânia na UE implicaria na expansão da influência do bloco no »

Leste europeu, sob um alinhamento a seus padrões democráticos. Mesmo que não efetivada, dadas as complicações institucionais de Kiev e os conflitos

envolvendo a Rússia, a simples aceitação da candidatura de outros países em caráter de urgência já representa um momento histórico.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p09-10.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Rota marítima de Tráfico Humano gera mais Instabilidade no Iêmen

Melissa Rossi

O Golfo de Áden e o Mar Vermelho, entorno onde se encontra o Estreito de Bab el-Mandeb, são palcos de desafios geopolíticos e humanitários complexos. Além do tráfico de armas e drogas, a região sofre um outro grande problema: o tráfico de seres humanos. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), a área abriga uma das rotas marítimas mais usadas no mundo por traficantes de humanos, que parte da região de Obock, no Djibouti, até o Iêmen. Esse desafio é acentuado com as instabilidades migratórias. Devido à grave crise humanitária no norte da Etiópia, fronteira com a parte oeste do Djibouti, milhares de pessoas têm tentado chegar a países mais ricos do Golfo, como a Arábia Saudita, usando o Iêmen como país de trânsito e acabam sendo vítimas do tráfico. O que acontece uma vez que esses migrantes chegam no Iêmen?

Somente em 2019, mais de 138 mil pessoas fugindo de violações generalizadas na Etiópia e Somália, fizeram a travessia para o Iêmen, com a esperança de

chegar à Arábia Saudita em busca de empregos como trabalhadores domésticos. Vale pontuar que o número é superior às travessias para a Europa, que somaram 110 mil no mesmo período. Contudo, devido às restrições de viagem, com várias rotas terrestres fechadas na parte sul do Iêmen, ocupada pelos rebeldes houthis, a maioria dos migrantes se encontra sem saída. Com o país sem estrutura para receber esse número de pessoas, muitos etíopes e somalis acabam sendo obrigados pelas forças houthis a lutar no conflito.

Uma das regiões mais importantes na concentração de migrantes é a província de Marib, no Iêmen, que também fica em um fronte de batalha entre o governo oficial e os houthis e de onde 1 milhão de cidadãos iemenitas já foram forçosamente deslocados. Recentemente, com o cessar-fogo acordado entre o internacionalmente reconhecido Conselho Presidencial e os rebeldes houthis, a OIM tem conseguido atuar de forma mais efetiva no país, ajudando a expatriar milhares de migrantes que queiram retornar a »

seus países de origem.

Em conclusão, as vastas redes de tráfico humano no Sul do Mar Vermelho e no Golfo de Áden aumentam a desestabilização do sul do Iêmen, já destruído por

um longo conflito e pela falta de recursos, além de levar milhares de pessoas a se deslocarem entre áreas extremamente instáveis.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p10-11.

RÚSSIA & EX-URSS

Tadjiquistão e Afeganistão: elementos transnacionais de uma crise regional

Pedro Martins

Desde que os EUA se retiraram do Afeganistão em agosto de 2021, o Tadjiquistão foi um dos poucos países da Ásia Central a publicamente se opor ao novo governo afegão, considerando-o uma ameaça à estabilidade e segurança regional. Essa posição dura do governo de Dushanbe fez com que o Talibã fechasse as fronteiras entre os dois países em maio de 2022, deixando centenas de caminhoneiros que transitam comercialmente. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explorar como os elementos transnacionais ajudam a explicar a crise regional entre Tadjiquistão e Afeganistão.

O Afeganistão é um país multiétnico onde os tadjiques correspondem a 27% da população total. Antes da atual crise, a presença dessa diáspora tadjique no território afegão desempenhou um papel relevante em sua Guerra Civil (1992-1997), uma vez que, devido à sua existência, as forças contrárias ao governo usavam o território vizinho como base de seus ataques. Além disso, elementos da política doméstica afegã —

momento a ascensão do Talibã, em 1996 — também influenciaram esse conflito, uma vez que o temor de que o fundamentalismo islâmico colocasse em risco a unidade territorial tadjique levou a negociações de paz entre forças rebeldes e governamentais.

Mais recentemente, esses elementos transnacionais continuam a alimentar as divergências entre os dois países. Kabul acusa Dushanbe de apoiar o grupo Frente de Resistência Nacional — rival do Talibã formado majoritariamente por tadjiques —, enquanto Dushanbe acusa Kabul de apoiar o grupo fundamentalista Jamaat Ansarullah, que se opõe ao governo do Tadjiquistão. Ao mesmo tempo, o grupo Estado Islâmico do Khorasan recruta na comunidade tadjique do Afeganistão, o que a torna um possível alvo da repressão por parte do governo afegão.

Essas peculiaridades demográficas envolvendo os dois países acabam por alimentar um cenário de instabilidade no Afeganistão, que poderia contaminar os demais países centro-asiáticos. Em especial, o Tadjiquistão pode ser o

mais afetado pelo fato de suas províncias fronteiriças com o Afeganistão serem relativamente pouco povoadas. A título de ilustração, a província tadjique de Gorno-Badakhshan — fronteira ao Afeganistão — é maior do país (50% do território), mas com apenas 3% da população nacional, o que a torna um possível alvo de

penetração de grupos fundamentalistas islâmicos.

Com tudo isso, percebe-se que as peculiaridades demográficas e geográficas do Afeganistão e Tadjiquistão são elementos transnacionais que têm um possível efeito desestabilizador na região.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p11-12.

Novos desafios ao flanco ocidental russo a partir de Kaliningrado

Luiza G. Guitarrari

A região báltica é uma das principais áreas de tensão entre Rússia e Europa. A vulnerabilidade do flanco ocidental russo, no entanto, tornou-se evidente após a dissolução da União Soviética e ao subsequente processo de independência dos países bálticos, expondo o Distrito Militar Ocidental da Rússia a novos desafios de Segurança e Defesa. Nesse sentido, o atual conflito na Ucrânia contribui para a crescente instabilidade instaurada no norte europeu, onde recentemente a Lituânia impôs restrições ao escoamento de mercadorias para Kaliningrado. Diante disso, quais as reações prováveis de atuação do Kremlin na região?

Cercado por Estados-membros da União Europeia (UE) e da OTAN e distando 1.300 km de Moscou, o enclave de Kaliningrado é considerado um ponto de apoio estratégico do Estado russo. Capaz de garantir seus interesses no Mar Báltico, além de abrigar a Esquadra do Báltico, o enclave contribui para a defesa antiaérea e a dissuasão naval, estando guarnecido com sistemas de mísseis antiaéreo como o *S-400* e mísseis balísticos como o *Iskander-M*. No âmbito econômico, Kaliningrado recebe suas mercadorias diretamente da Rússia por

meio de ferrovias e estradas que perpassam primeiro o território bielorrusso e depois o lituano, onde divisam, junto à Polônia, o Corredor *Suwalki* ([Boletim 106](#)).

Em 17 de junho, a Lituânia anunciou que sua companhia ferroviária estatal, a *Lithuanian Railways*, iria bloquear os trens contendo mercadorias sancionadas para Kaliningrado (em sua maioria, materiais de construção, como aço e cimento). Segundo o governador da região, Anton Alikhanov, ainda que o escoamento desses bens por via aérea e marítima não tenha sido afetado, os produtos sancionados podem corresponder a quase 50% das importações do enclave. Em contraponto, a Rússia poderia vir a retaliar a partir da esfera econômica, mais especificamente pelo segmento energético. Sua movimentação pode restringir o fornecimento de gás pelo Gasoduto *Minsk-Vilnius-Kaunas-Kaliningrado* e manipular o fluxo de eletricidade nos países bálticos pelo sistema BRELL — rede elétrica comum entre Belarus, Rússia, Estônia, Letônia e Lituânia.

Portanto, estando Kaliningrado cercado por países hostis à Rússia e por defrontar-se com seu Distrito Militar Ocidental, as ações russas terão por primazia salvaguardar

sua soberania territorial e evitar um confronto militar direto com países da OTAN. Desse modo, inicialmente, Moscou pode continuar utilizando a energia como meio

coercitivo (arma geopolítica) na região enquanto aguarda por novas negociações junto à UE, almejando isentar o enclave russo das sanções.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p12-13.

LESTE ASIÁTICO

Japão e Seus Gastos de Defesa: possíveis obstáculos

João Pedro Grilo

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão renunciou ao uso da força como um meio para a resolução de disputas internacionais. Tal medida, prevista no Artigo 9º da Constituição japonesa, é uma das pedras angulares da política externa do país desde 1947. Dentre as principais consequências dessa postura anti-beligerante estabeleceu-se uma regra em 1976, antes oficial e agora apenas tácita, de que os gastos de Defesa japoneses não devem ultrapassar um valor referente a 1% do seu PIB. Entretanto, o recrudescimento de seus entornos geopolíticos nos últimos anos originou uma crescente pressão para aumentar esse teto. Nesse sentido, quais os principais desafios para a flexibilização do limite de gastos militares japoneses?

O debate referente ao montante do orçamento de Defesa japonês voltou a ganhar destaque após a última reunião do QUAD no dia 24 de maio. Nela, o Primeiro-Ministro Kishida Fumio reafirmou seu compromisso em dar continuidade ao aumento de gastos militares japoneses, almejando alcançar um valor referente a 2% do PIB dentro de 5 anos, como pleiteado pelo seu partido, o Partido Liberal Democrata (PLD). Tal valor, espelhado no volume investido em defesa pelos países-membros da OTAN, pode ser analisado como uma resposta à demanda norte-americana por uma participação japonesa mais

ativa no Indo-Pacífico e na necessidade cada vez mais urgente de aumentar e modernizar as defesas japonesas, em especial no tocante ao seu sistema antimísseis balísticos.

Entretanto, alguns obstáculos para a concretização de tal medida já são aparentes. O primeiro deles, de natureza econômica, diz respeito à capacidade de financiamento do governo japonês. Gradualmente, o tema da austeridade fiscal ganha relevância no país, principalmente frente à meta de gerar um superávit primário em 2025, ao mesmo tempo em que o crescente gasto previdenciário tem pressionado as contas públicas, dificultando um aumento substancial nos gastos de Defesa. Ademais, fatores políticos, como visões contrastantes sobre o tema dentro do próprio PLD, e fatores sociais, como uma possível má aceitação popular de tal medida, frente ao remanescente antimilitarismo difundido entre a população nipônica, também devem ser considerados.

Apesar dos pontos de estrangulamento supracitados, é de se esperar que o paradigma do 1% seja superado na tentativa de responder ao agravamento das disputas na região, principalmente frente ao retorno das tensões entre Japão e Rússia. Porém, a velocidade e a intensidade de tal flexibilização só o tempo dirá.

DOI 10.21544/2446-7014.n165.p13.

O terceiro Navio-Aeródromo da China e suas implicações tecnológicas e estratégicas

Philippe Alexandre e Rodrigo Ribeiro

No dia 17 de junho deste ano, a China lançou seu terceiro porta-aviões, batizado de *Type 003 Fujian*. Embora ainda sejam necessários alguns anos para que o navio esteja pronto para combate, sua construção representa um importante marco estratégico e tecnológico para a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, na sigla em inglês) e para o equilíbrio de poder na Ásia do Indo-Pacífico. Nesse sentido, de que maneiras o lançamento do *Fujian* contribui para as ambições estratégicas da China no sistema internacional?

Medindo 316 metros de comprimento e com propulsão convencional, o *Fujian* possui um deslocamento de 80 mil toneladas, sendo o maior navio já construído por um país asiático. É o primeiro porta-aviões chinês a utilizar o sistema de catapultas eletromagnéticas para o lançamento de aeronaves, representando um grande salto tecnológico em relação aos demais navios-aeródromo do país, que utilizam um sistema de rampas, consideravelmente menos eficiente. O novo sistema exigirá uma série de testes e adestramentos para sua plena operação, assim, é previsto que o *Fujian* entre em operação apenas em 2025.

Apesar dos atrasos em relação aos relatórios iniciais, que previam o lançamento do *Fujian* em 2021, o tempo

de construção do navio demonstra a celeridade da China em estabelecer uma Marinha de Águas Azuis, como dita sua estratégia marítima mais recente. Através da Iniciativa do Cinturão e Rota, uma rede de infraestrutura global tem se formado em direção à Europa, África e América. Pequim precisa desenvolver uma Marinha para assegurar suas linhas de comunicação marítimas no Mar do Sul da China, no Oceano Índico e, cada vez mais, no Atlântico.

Portanto, o aumento da capacidade de dissuasão da Marinha chinesa é, sem dúvidas, o aspecto mais importante associado ao lançamento do *Fujian*. Contudo, é importante destacar também o salto tecnológico e a capacitação da PLAN para operações navais mais complexas em razão do novo porta-aviões. Além disso, ao finalizar a construção de um meio naval tão complexo em um prazo relativamente próximo àquele previsto em seus documentos oficiais, a China demonstra forte comprometimento não só com a sua Estratégia marítima, mas com o objetivo de estabelecer uma força militar que a permita alcançar os seus interesses geopolíticos. Deve-se, portanto, observar como os demais atores do sistema internacional, principalmente os Estados Unidos, responderão ao dilema: desafio estratégico *versus* interdependência econômica.



Fonte: RupprechtDeino

A relação entre Índia e Rússia e seus atuais desdobramentos

Iasmin Gabriele Nascimento

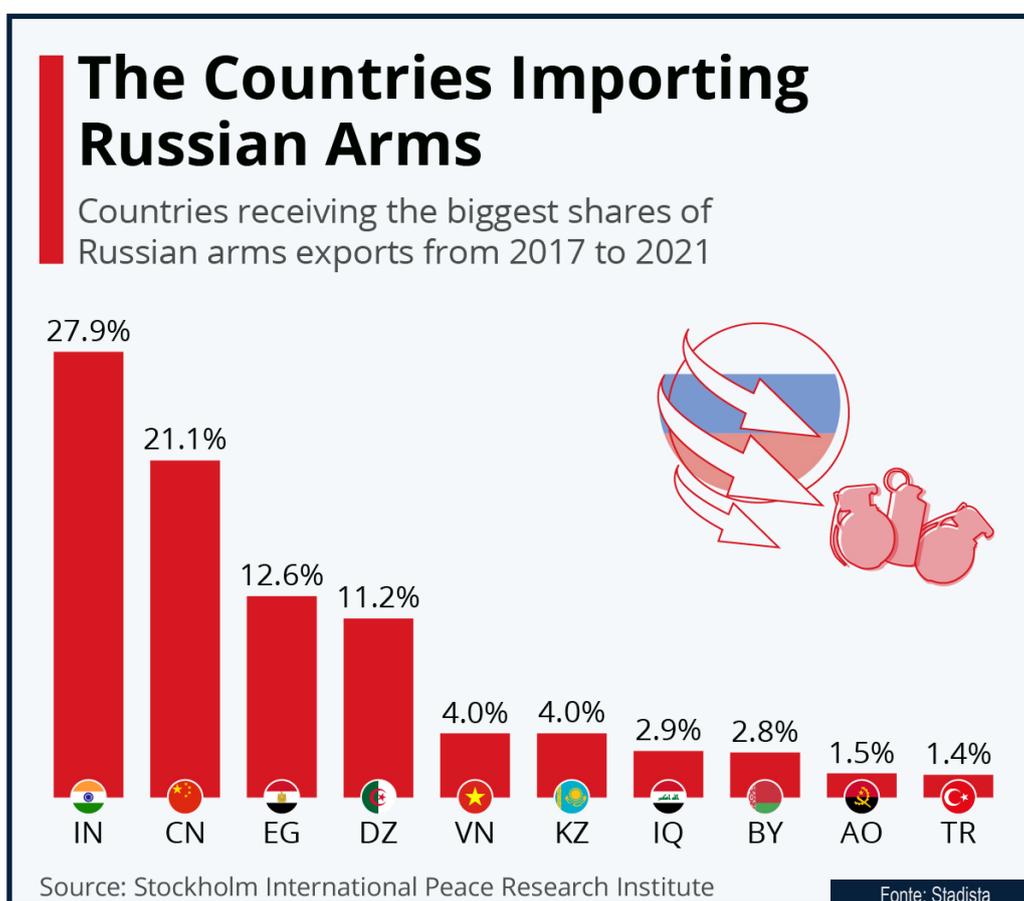
O governo de Nova Déli tem investido em diversas parcerias estratégicas para garantir sua posição de potência regional no Sul da Ásia e projetar-se no Oceano Índico. Pode-se destacar aqui o QUAD, fórum de segurança que busca garantir a livre-navegação no Indo-Pacífico. Contudo, restringir-se ao fórum não é a melhor opção, especialmente ao levar em conta a instituição do AUKUS ([Boletim 148](#)), que parece, de alguma forma, colocar o QUAD em segundo plano, por ser um acordo de segurança. A Índia, então, investe também em parcerias com outros países, como a França ([Boletim 152](#)) e a Rússia. Vale refletir, então, sobre a relação entre Nova Déli e Moscou.

A Índia possui acordos com a Rússia que incluem a importação pelo país sul asiático de artigos de defesa aérea e naval. Há algum tempo, Moscou figura como o maior fornecedor de armas para Nova Déli, deixando os Estados Unidos em segundo lugar. Atualmente, a Índia é o país com o terceiro maior orçamento de Defesa no mundo, seguido pela Rússia. Vale lembrar, também, da *joint-venture* entre os dois países que produz os mísseis *BrahMos*, um míssil de cruzeiro supersônico, que pode ser lançado por ar, terra ou mar ([Boletim 130](#)). Como dito

anteriormente, Nova Déli tem buscado novas parcerias, ampliando seu contato com França e Israel, além do QUAD, mas é clara a necessidade que o país possui de manter boas relações com a Rússia.

Moscou é importante não só para a importação de armas, mas também para o fornecimento de energia. Cabe destacar que, na contramão de vários países que, através de sanções por conta do conflito na Ucrânia, diminuíram ou suspenderam suas importações, a Índia não reduziu as compras de petróleo russo. Nos recentes eventos envolvendo a questão ucraniana e as votações durante as assembleias das Nações Unidas, Nova Déli optou por abster-se, causando desconfortos com outras nações.

Fica claro, portanto, que, apesar de prezar pelo não-alinhamento, manter boas relações com a Rússia é importante para a Índia. O país entende que não é independente o suficiente para garantir sua segurança e defender seus interesses – Nova Déli depende da tecnologia militar que importa de Moscou. Assim, é possível inferir que a Índia não deve mudar significativamente sua postura com relação à Rússia em um futuro próximo.



DOI 10.21544/2446-7014.n165.p15.

O AUKUS e os desafios à soberania australiana

Thayná Fernandes

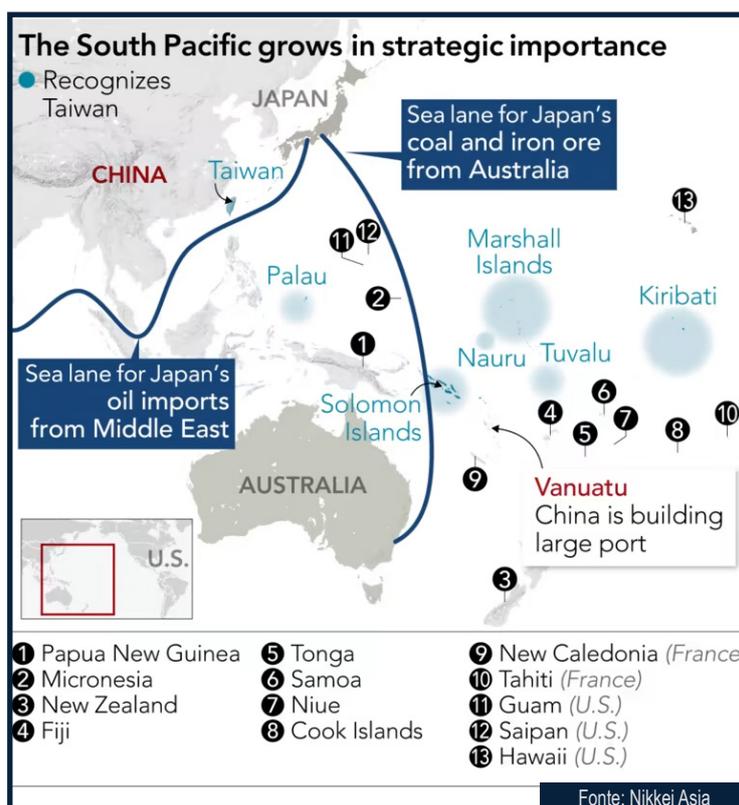
A parceria estratégica entre Austrália, Estados Unidos e Reino Unido (AUKUS) para o desenvolvimento de submarinos de propulsão nuclear australianos, desde seu anúncio, vem suscitando diversos debates entre as nações asiáticas, despertando desconfianças e maior competitividade na busca pela demonstração de poder. Embora a maioria das discussões estejam centradas em termos de segurança regional, um ponto importante a se pensar é acerca da construção das capacidades de Defesa e os desafios à soberania australiana imputadas no projeto. Afinal, o que se mostra mais vantajoso ao país: receber submarinos prontos ou desenvolver sua própria capacidade nuclear?

Os analistas de Defesa australianos, Marcus Hellyer e Andrew Nicholls, argumentam que, considerando as diversas limitações em termos financeiros, de força de trabalho e de recursos industriais, não seria estrategicamente vantajoso que a Austrália atuasse em duas frentes, ou seja, para construir e manter as embarcações. Ainda, devido à sensibilidade da tecnologia nuclear e o conhecimento para lidar com esta, não há como separar o país fornecedor do recebedor, pois o primeiro sempre teria o domínio técnico e tecnológico sobre o produto fornecido. Nesse sentido, para estes estudiosos, a “soberania” australiana dentro da AUKUS estaria pautada mais na capacidade de fazer manutenções e obter o conhecimento técnico para lidar com possíveis

mudanças e atualizações futuras dos submarinos, do que em construí-los nacionalmente.

A curto e médio prazos, esse pensamento faz sentido; no entanto, em termos práticos, Canberra estabeleceria, definitivamente, sua contínua dependência dos norte-americanos, dos ingleses e de suas tecnologias. Por já estar nessa condição, a Política Externa australiana se divide entre manter os laços de segurança com os Estados Unidos, de um lado, e, do outro, tentar manter relações econômicas crescentes com Pequim, seu maior parceiro comercial. Um exemplo da dificuldade que se coloca nesse sentido é de lidar com retaliações: por ter buscado maiores investigações sobre o início da pandemia de COVID-19 na China, a Austrália sofreu duras sanções econômicas por parte de Pequim, que tiveram fortes impactos nacionais. Em termos comparativos, o comércio com Estados Unidos, Japão e Reino Unido, por exemplo, não representa um terço dos números movimentados com os chineses.

Para diminuir o peso do dilema Economia versus Segurança, no longo prazo, uma possibilidade é que, assim como tem sido feito por outros países, a Austrália invista no desenvolvimento autóctone de suas capacidades de Defesa, o que inclui a tecnologia nuclear. Caso opte por esse caminho, o Brasil pode se tornar um importante parceiro australiano.



Os desafios da poluição plástica global

Guilherme Novaes

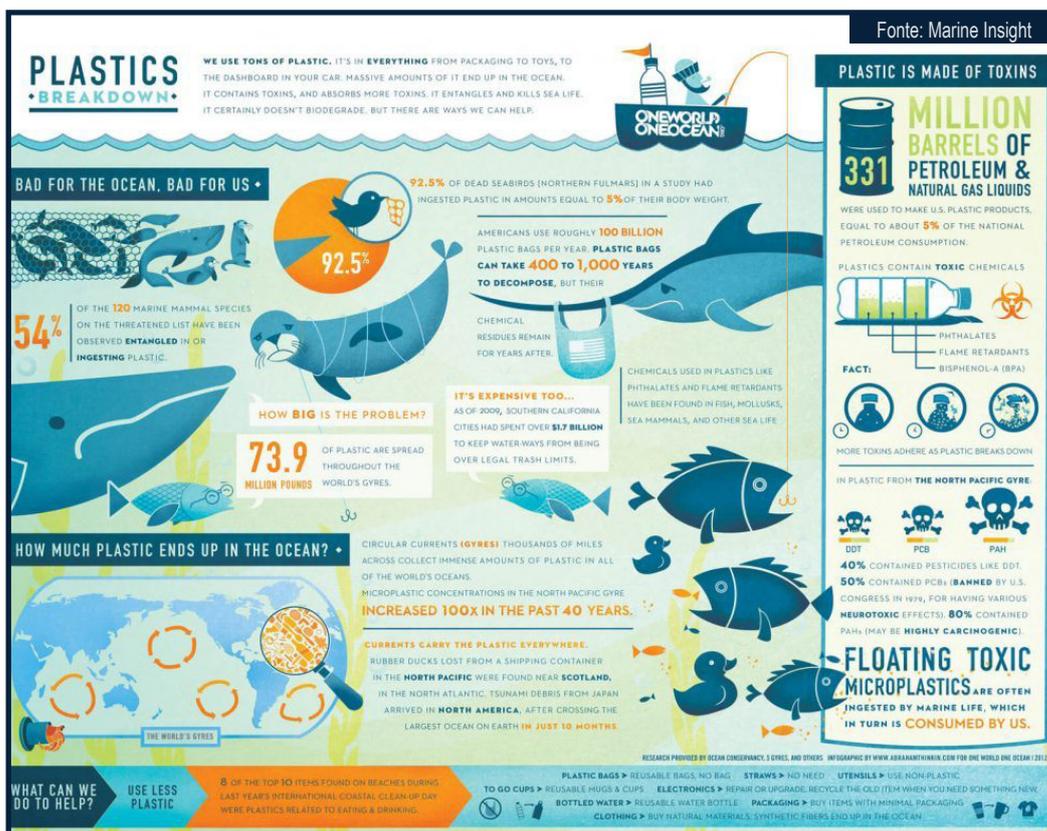
Os plásticos fazem parte da vida cotidiana moderna, presentes em praticamente todos os setores da economia. Entretanto, esse consumo massivo resulta em alta geração de resíduos, emissões de carbono, poluição e danos à vida selvagem e ecossistemas. Esse é o tema do *Global Plastics Outlook*, um relatório publicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2022 que traça cenários e possíveis soluções para a economia do plástico até 2060. Segundo o documento, continuado o padrão de consumo atual, até o prazo definido no relatório o uso e descarte de plásticos podem triplicar em decorrência do crescimento econômico e populacional. Quais seriam as possíveis soluções para esse problema?

Os efeitos negativos da produção e consumo de plásticos no meio ambiente e na saúde humana incluem as emissões de carbono, que colaboram com o aquecimento global, a acidificação de oceanos, eutrofização de lagos e rios e aumento da toxicidade humana. A problemática foi um dos temas centrais da 5ª sessão da Assembleia da ONU para o Meio Ambiente, realizada em fevereiro, que resultou no estabelecimento de um comitê intergovernamental para acabar com a poluição plástica. A ideia é que o grupo elabore um acordo internacional juridicamente vinculante, similar ao Acordo de Paris.

Os oceanos são dos ecossistemas mais impactados

pela poluição plástica, tema abordado pela Conferência dos Oceanos da ONU, concluída em 1º de julho. A importância da preservação dos ecossistemas marinhos é demonstrada por algumas estatísticas. Eles são responsáveis por abrigar 80% da vida no planeta, gerar 50% do oxigênio global e absorver 25% das emissões de carbono. Entre as políticas que a OCDE elenca para controlar a geração de plástico, estão a taxação da produção e do seu uso, incluindo embalagens, e o incentivo à economia circular. A tomada de ação, entretanto, esbarra em questões como os interesses econômicos de empresas multinacionais e a disparidade da responsabilidade da emergência climática atual, já que países ricos contribuíram mais com a poluição gerada até hoje em comparação com os demais.

O controle da poluição de plásticos é um dos grandes desafios ambientais do século XXI, tendo em vista a sua alta capilaridade na economia global. Assim como outros pontos da emergência climática, uma possível solução requer cooperação e coordenação entre atores internacionais, além do engajamento do setor privado e em nível individual. Os dados evidenciam a necessidade urgente da mudança dos padrões atuais e a cooperação internacional desempenha papel fundamental na adoção de metas conjuntas e no monitoramento do seu cumprimento.



- ▶ [Evolving Japan–NATO Relations in the Leadup to the Madrid Summit](#)
RUSI, Wrenn Yennie Lindgren e Per Erik Solli
- ▶ [The Evolution of Great Powers](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [The Hollow Order: Rebuilding an International System That Works](#)
FOREIGN AFFAIRS, Philip Zelikow
- ▶ [Race to the Bottom: Deep Sea Mining Is the Next Frontier](#)
FOREIGN POLICY, Christina Lu
- ▶ [Stop Blaming the Russian Soul](#)
PROJECT SYNDICATE, Ian Buruma

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Guilherme Carneiro e Maria Eduarda Parracho

JULHO

Principais eventos de 06 a 19 de julho

07-08



INDONÉSIA

REUNIÃO DOS MINISTROS
DAS RELAÇÕES
EXTERIORES DO G20

08



NORUEGA

FIM DO EXERCÍCIO
DYNAMIC MONGOOSE
22 - OTAN

10



JAPÃO

ELEIÇÕES DA
CÂMARA ALTA
JAPONESA

10



CONGO

1º TURNO DAS
ELEIÇÕES
LEGISLATIVAS

12



ESTADOS UNIDOS

REUNIÃO
PRESIDENCIAL
ENTRE EUA E MÉXICO

13-16



**ISRAEL E ARÁBIA
SAUDITA**

VISITA PRESIDENCIAL
DOS EUA

14



CHINA

FIM DAS VISITAS DO
PRIMEIRO-MINISTRO
CHINES AOS PAÍSES DO
SUDESTE ASIÁTICO

REFERÊNCIAS

- **Cenário energético chileno: desafios e alternativas para a superação da crise hídrica**
[Panorama eléctrico del Cono Sur](#). BN Américas, 26 maio. 2022. Acesso em: 01 jul. 2022.
ALVARADO, R; PLANE, F. [Chile lidera la crisis hídrica en América Latina](#). Universidad de Chile, 22 mar. 2022. Acesso em: 01 jun. 2022.
 - **Capacidade naval estadunidense frente à guerra moderna**
LIEBERMANN, O., KAUFMAN, E., LENDON, B. [US Navy chief defends plan to scrap troubled warships even though some are less than 3 years old](#). CNN, 12 mai. 2022. Acesso em: 18 mai. 2022.
LENDON, B. [China has built the world's largest navy. Now what's Beijing going to do with it?](#). CNN, 06 mar. 2021. Acesso em: 18 mai. 2022.
 - **Desarmonia doméstico-internacional no setor energético estadunidense**
[Boom in LNG Could Add More Than 90 Million Tons of Greenhouse Gases a Year](#). Environmental Integrity Project, 9 jun. 2022. Acesso em: 13 jun. 2022.
[FACT SHEET: President Biden Takes Bold Executive Action to Spur Domestic Clean Energy Manufacturing](#). The White House, 6 jun. 2022. Acesso em: 13 jun. 2022.
 - **Resolução da ONU exorta o combate aos ilícitos no Golfo da Guiné**
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. [Adopting Resolution 2634 \(2022\). Security Council Calls on Gulf of Guinea Countries to Criminalize Piracy, Armed Robbery at Sea under Domestic Laws](#). Security Council. Meetings Coverage, 31 mai. 2022. Acesso em: 17 jun. 2022.
[UN Security Council unanimously adopts Ghana-Norway resolution on Maritime Security in Gulf of Guinea](#). 3 NEWS, Gana, 1 jun. 2022. Acesso em: 17 jun. 2022.
 - **O aumento da segurança no Golfo da Guiné impulsiona o setor portuário nigeriano**
ONYENUCHEYA, A. [Lekki deep seaport: FG's quest to regain transshipment hub status](#). The Guardian Nigeria, 13 maio 2022. Acesso: 28 jun. 2022.
PRINS, B., GOLD, A., PHAYAL, A., ROTZER, S., MAHARANI, C., RIYADI, S., e RENO, K. M. [What will keep ships — and people — safer in the Gulf of Guinea?](#). The Washington Post, 09 jun. 2022. Acesso: 16 jun. 2022.
 - **União Europeia e Ucrânia: novo candidato à adesão no bloco ocidental**
[‘A good day for Europe’: EU grants Ukraine candidate status](#). Aljazeera, 23 jun. 2022. Acesso em: 02 jul. 2022.
SACADURA, P. [UE: aprovado estatuto de candidato à adesão para Ucrânia e Moldávia](#). Euronews, 23 jun. 2022. Acesso em: 02 jul. 2022.
 - **Rota marítima de Tráfico Humano gera mais Instabilidade no lêmén**
[Drowning and Dehydration are the Main Causes of Migrant Deaths in the Horn of Africa](#), International Organization of Migration. Acesso: 14 jun. 2022.
[IOM Djibouti- DTM Migration Trends Dashboard](#), Relief Web International. 13 jun.2022. Acesso: 14 jun. 2022.
 - **Tadjiquistão e Afeganistão: elementos transnacionais de uma crise regional**
SIDDIQUE, A. [Hostilities Grow Between Taliban And Tajikistan Amid Border Closure, Truck Seizures](#). Radio Free Europe, 19 maio 2022. Acesso 28 jun. 2022
[WHAT'S Behind The Tumult In Tajikistan's Restive Gorno-Badakhshan Region?](#) Radio Free Europe, 18 maio 2022. Acesso em: 18 maio 2022.
 - **Novos desafios ao flanco ocidental russo**
BECCHIO, A. [L'inquiétude des voisins de l'exclave russe de Kaliningrad](#). RFI, 30 jun.2022. Acesso em: 30 jun. 2022
CHENG, A.; PANNETT, R. [How Kaliningrad, Russian land ringed by NATO, is tangled in Ukraine war](#). The Washington Post, 21 jun. 2022. Acesso em: 30 jun. 2022.
 - **Japão e Seus Gastos de Defesa: possíveis obstáculos**
[Kishida Wants to boost defense spending, but how to fund it remains a question](#). JAPAN TIMES, 26 maio 2022. Acesso em: 1 jun.2022
[Abe Leads charge for Japan to boost defense spending to 2% of GDP](#). NIKKEI ASIA, Tóquio, 22 abr. 2022. Acesso em: 1 jun.2022
 - **O terceiro Aeródromo da China e suas implicações tecnológicas e estratégicas**
GATOPOULOS, A. [Leviathan: China's new navy](#). Al Jazeera, 19 jun. 2022. Acesso em: 30 jun. 2022.
WANG, X. [China unveils giant aircraft carrier CNS Fujian](#). China Military, 18 jun. 2022. Acesso em: 30 jun. 2022.
 - **A relação entre Índia e Rússia e seus atuais desdobramentos**
MICHAEL, Arndt. [Why India cannot afford to alienate Russia](#). Business Line, 27 jun. 2022. Acesso em: 27 jun. 2022.
MADHOK, D. [India shows no sign of slowing its purchase of Russian oil](#). CNN, Nova Déli, 01 jun. 2022. Acesso em 1 jun. 2022.
 - **O AUKUS e os desafios à soberania australiana**
HELLYER, M; NICHOLLS, A. [The Strategist. Building overseas may be the best approach for Australia's nuclear-powered submarines](#). ASPI, 28 jun.2022. Acesso em: 01 jul. 2022.
GREENE, A. [AUKUS nuclear submarine plan to be revealed by March 2023](#). ABC. 28 jun.2022. Acesso em: 01 jul. 2022.
 - **Os desafios da poluição plástica global**
[Global Plastics Outlook: Policy Scenarios to 2060](#). OECD iLibrary, 2022. Acesso em: 25 jun. 2022.
[About the 2022 UN Ocean Conference](#). United Nations, 2022. Acesso em 25 jun. 2022.
- Os mapas iniciais (pág 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio

risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Conflito entre forças insurgentes: [Taliban convoy attacked in Afghanistan, 1 assailant killed](#). **The Print**, 4 jul. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.
- BELARUS - Tensão regional: [Poland's border wall with Belarus to keep out migrants reflects the larger migrant crisis in Europe](#). **Times Now**, 01 jul. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade fronteiriça: [Van 191 personas asesinadas en guerra de bandas de Haití](#). **El Caribe**, 28 jun. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.
- IÊMEN - Crise humanitária: [Yemen Conflict - ETC Situation Report](#). **Relief Web**, 04 jul. 22. Acesso em: 04 jul. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [Polish wall no deterrent to migrants en route from Africa](#). **Reuters**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon's Crisis - The Last Hope](#). **DW**, 04 jul. 22. Acesso em: 04 jul. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Battle for Myanmar military base continues](#). **Thai PBS World**, 30 jun. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Ukraine war: Ukraine and Russia both claim control over Lysychansk](#). **BBC News**, 03 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka à beira da paralisia por esgotamento de reservas de combustível](#). **GZH**, 3 jul. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado e conflito fronteiriço: [Alarm mounts over escalating Ethiopia-Sudan border tensions](#). **France 24**, 29 jun. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.

► MÉDIO RISCO:

- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [Situação de segurança impede acesso a cuidados de saúde essenciais em Burkina Faso](#). **Médicos sem fronteiras**, 28 jun. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes e acordo de paz: [At Long Last, Ethiopia Prepares for Peace Talks](#). **International Crisis Group**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Libyan protesters storm into parliament seeking an end to political crisis; UN condemns act](#). **The New Indian Express**, 03 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• MALI - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Missão da ONU no Mali prolongada um ano e com reforço alemão](#). **DW**, 30 jun. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [Iran's Top Diplomat in Syria Slams Israel, Turkish Threats](#). **VOA News**, 02 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Colombia: acusaciones de Nicolás Maduro son "cínicas e irresponsables"](#). **DW**, 03 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Overshadowed by war in Ukraine, Armenia and Azerbaijan edge closer to a peace deal](#). **Middle East Institute**, 30 jun. 2022. Acesso em: 02 jul. 2022.

• COLÔMBIA - Conflito fronteiriço: [Asesinaron a diputado de Arauca mientras se dirigía a la Asamblea](#). **El Colombiano**, 30 jun. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• COREIA DO NORTE- Teste de mísseis: [North Korea says it may boost military to counter US, South Korea and Japan pact](#). **The Guardian**, 3 jul. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade social: [Líder de gangue condenado a mais de mil anos de prisão em El Salvador](#). **Correio Braziliense**, 29 jun. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.

• EQUADOR - Instabilidade política: [Ecuador: The ghosts of the National Strike](#). **Pressenza**, 03 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [CEDEAO levanta parte das sanções ao Mali, ao Burkina e à Guiné-Conacri](#). **RFI**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Japan Offers N910m To Nigeria For Gulf Of Guinea](#). **Daily Trust**, 30 jun. 2022. Acesso em: 03 jun. 2022.

• IRÃ - Crise estrutural e Negociação Nuclear: [Qatar, US discuss efforts to revive Iran nuclear deal](#). **Anadolu Agency**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• ISRAEL - Crise estrutural: [Netanyahu wishes new Israeli premier 'security quiet' before elections](#). **Al-Monitor**, 01 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• MAR DA CHINA ORIENTAL - Disputas regionais (NOVO NO MAPA): [Japan sights China, Russia warships near disputed islands](#). **ABC**, 4 jul. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [US-led Pacific naval drill launched amid rising China tensions](#). **The Jakarta Post**, 3 jul. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Falta de recursos financeiros limita assistência humanitária em Cabo Delgado](#). **VOA News**, 27 jun. 2022. Acesso em: 03 jul. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Policía de Nicaragua ocupa alcaldía históricamente opositora a cuatro meses de comicios municipales](#). **VOA News**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• PERU - Instabilidade política: [Justicia de Perú admite apelación de Pedro Castillo](#). **DW**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia's drought leaves nearly a million desperate with hunger](#). **Anadolu Agency**, 04 jul. 2022. Acesso em: 04 jul. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [China's military flights off Taiwan coast intended to send message to US: Analysts](#). **The Print**, 30 jun. 2022. Acesso em: 4 jul. 2022.